



Voltando às **ORIGENS**

Lauro Moretto

Criada em 1937, a Academia Nacional de Farmácia (ANF) resultou de um longo período de lutas de ilustres farmacêuticos, acumulando alegrias e decepções, conquistas e fracassos, na consolidação do sonho de poder contribuir para com a sociedade brasileira no campo das ciências farmacêuticas.

**No decorrer de 74
anos de existência, a
Academia Nacional
de Farmácia pôde
contribuir de forma
indelével para a
sociedade brasileira,
fruto do obstinado
trabalho de seus líderes.**

A profissão farmacêutica no Brasil, à época da criação da Academia, era constituída, principalmente de boticários e farmacêuticos, muitos dos quais, formados em países europeus.

Para citar alguns fragmentos da profissão em cerca de 510 anos de Brasil, valho-me de alguns extratos que fiz do livro *Da Botica Real ao Laboratório Químico Farmacêutico do Exército*, de

autoria do acadêmico João Paulo Vieira, e de discursos que constam dos anais da ANF.

Resgatar a história das atividades dos boticários no Brasil desde as primeiras expedições colonizadoras até 1808 é uma tarefa muito difícil. Poderíamos começar lembrando de Diogo de Castro, primeiro boticário que aqui aportou, integrante da comitiva de Tomé de Souza, em 1549.

No entanto, muitos brasileiros reverenciam o Padre José de Anchieta, considerado o verdadeiro primeiro boticário ou farmacêutico do Brasil, que aqui chegou em 1553. Seu carisma entre os indígenas não foi fruto apenas de seus predicados religiosos, mas em muito de seus conhecimentos de plantas medicinais e de sua dedicação, solidariedade e caridade aos doentes.

Historicamente, os primeiros atos formais e legais da profissão farmacêutica no Brasil estão relacionados a João Maria José Francisco Xavier de Paula Luís Antônio Domingos Rafael, conhecido entre nós como o Príncipe Regente Dom João e, posteriormente, como Rei Dom João VI.

Em 21 de maio de 1808, Dom João, já instalado no Rio de Janeiro, declarou livre os portos e as indústrias no Brasil, criou o Banco do Brasil, a Academia de Belas Artes e entre outras, também criou a Botica Real Militar.

Esta última converteu-se em outros organismos, sendo hoje o Laboratório Químico Farmacêutico do Exército, em plena atividade.

A criação da Botica Real Militar destaca a preocupação de Dom João em ter uma instituição que se ocupasse da elaboração dos medicamentos, principalmente, aos militares.

Em 1818, Dom João é coroado Rei, passando a ser designado por Dom João VI. A evolução das atividades farmacêuticas durante o período em que o Brasil foi sede do Reino, durante o período do Império até a proclamação da República, ainda merece ser reunida e compilada como legado para nossas futuras gerações.

Em decorrência dos estímulos, incentivos e modelos promovidos por Dom João VI, no século XIX, os farmacêuticos criaram, em 1916, a Associação Brasileira de Farmacêuticos. Em 1924, surge o Conselho Científico da Associação Brasileira de Farmacêuticos. Deste, em 13 de agosto de 1937, nasce a Academia Nacional de Farmácia.

No decorrer desses 74 anos de existência, a Academia Nacional de Farmácia pôde contribuir de forma indelével para a sociedade brasileira, fruto do obstinado trabalho de seus líderes.

Nos anais da Academia constam coletâneas de trabalhos, organização e resumos de congressos, nomes de ilustres colegas, composições de diretorias, discursos sérios, sábias reflexões e alguns poemas que bem mereceriam ser lidos.

Desde os primórdios, muitos ideais foram transformados em realidade. Dentre eles, destacam-se a criação dos sindicatos, para zelar e proteger os profissionais farmacêuticos; e o Conselho Federal e os Regionais, para zelar pela ética e defender os interesses políticos da profissão. Esses órgãos redirecionaram os líderes da categoria,

Nos anais da Academia constam coletâneas de trabalhos, organização e resumos de congressos, nomes de ilustres colegas, composições de diretorias, discursos sérios, sábias reflexões e alguns poemas.

em face das inúmeras demandas e problemas, ofuscando, inclusive, as atividades da Academia.

Está na hora de retomarmos os ideais do Conselho Científico da Associação Brasileira de Farmacêuticos, que preconizava a criação de uma Academia para cuidar especificamente de assuntos científicos. Esses estão sendo, ocasionalmente, tratados por algumas entidades da categoria.

Durante os últimos anos integrei a equipe do acadêmico Caio Romero Cavalcanti, esforçando-me para indicar nomes de cientistas para compor seu quadro associativo. Recentemente, iniciamos programas de conferências de cunho científico, que foram oferecidos para toda a comunidade e, muito especialmente, aos pesquisadores e profissionais da indústria farmacêutica.

Foi-nos possível reviver, também nestes últimos anos, os dias gloriosos da Academia. Ouvimos discursos dos novos acadêmicos, cada um deles citando pesquisas inovadoras, trabalhos originais e conquistas dignificantes, que se converteram em benefícios para as sociedades brasileira e internacional.

Estamos voltando às origens, na certeza de que o povo brasileiro encontrará nos membros da Academia Nacional de Farmácia motivo para se orgulhar do investimento que a sociedade fez nestes cientistas. No próximo artigo, concluirei este tema. ■

Lauro Moretto é Presidente da Academia Nacional de Farmácia e Vice-Presidente de Assuntos Regulatórios e Programas Sociais e Educacionais do Sindusfarma - Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos no Estado de São Paulo.

E-mail: sindusfarma@sindusfarma.org.br